Dia 19 — São Leão, Nono deste Nome, Papa

São Leão, tão conhecido no mundo com o nome de Bruno antes de haver ascendido ao sumo pontificado, foi da ilustre casa de Aspurg, na Alsácia, filho de Hugo, parente próximo do imperador Conrado, e de Heileveida, de família não menos nobre, mas de mais esclarecida virtude. Nasceu no condado de Aspurg no ano de 1002. Logo que nasceu, notaram-se espalhadas sobre o corpinho do menino várias cruzes pequenas de cor vermelha; prognóstico de santidade que, acrescentado a uma extraordinária visão que teve sua mãe antes que o desse à luz, a obrigou a criá-lo ela mesma a seus peitos, não querendo fiar a outras sua primeira educação.

O belo natural de Bruno, sua docilidade, sua natural inclinação a tudo o que é bom e sua prudência antecipada pouparam muito trabalho a sua virtuosa mãe, a qual, havendo-o educado por si mesma até a idade de cinco anos, entregou-o a Bertoldo, bispo de Toul, para que o formasse na virtude e nas letras. Este santo prelado, um dos mais célebres de seu século, escolheu excelentes mestres que ensinassem ao menino as ciências próprias de um jovem de sua qualidade que se destinava à Igreja; e ele mesmo se encarregou de instruí-lo no que tocava aos costumes.

Era Bruno não menos perspicaz de engenho que galã de corpo; temperava sua natural vivacidade uma doçura e uma modéstia que enfeitiçava quantos o viam. Seu ar despejado, sua nobre ingenuidade e seus agradáveis modos faziam-no recomendável a quantos o viam. Fez maravilhosos progressos nas ciências e não menores na virtude. Apenas se falava de outra coisa que do cavalheirinho de Aspurg, e em todas as partes o propunham por exemplar e por modelo. Havendo-o sarado milagrosamente São Bento de uma mortal enfermidade que o reduziu aos últimos extremos, pensava em retirar-se do mundo quando foi provido num canonicato de Toul pelo bispo Herimano, sucessor de Bertoldo. Nenhum cônego o excedeu jamais na exemplar regularidade de sua vida. Mas o imperador Conrado quis tê-lo na corte para servir-se de seus conselhos. Não inficionou sua virtude o contagioso ar do grande mundo, nem apareceu na corte como clérigo cortesão, mas como um eclesiástico santo e sábio, fazendo-se igualmente amar que respeitar de todos os cortesãos por sua modéstia, prudência e circunspeção, e sua reputação se estendeu por toda a Europa.

Morto o bispo Herimano no ano de 1026, a Igreja de Toul o elegeu por seu pastor. O imperador deu a conhecer que não estava contente de que quisessem tirar-lhe de seu lado um sujeito a quem amava tanto e cuja presença era tão importante para seu imperial serviço. Mas o haver de afastar-se da corte e a cortedade do bispado, que eram os motivos da oposição do imperador, foram pontualmente os que incitaram o novo bispo a consentir em sua eleição. Foi consagrado pelo arcebispo de Tréveris, seu metropolitano, e em suas ordens recebeu, com a plenitude do sacerdócio, aquela plenitude do Espírito Santo que o fez um dos mais santos prelados de seu

século.

Inspirou-lhe novo fervor a nova dignidade, e conheceu-se logo em seu bispado o muito que se ganha em ter um santo por bispo. Os primeiros frutos de seu zelo foram a reforma dos mosteiros de Moyenmoutier, Moutier e São Mansuy, com a do clero e povo. Aplicou-se com particular cuidado a arranjar o culto divino nas igrejas, querendo que se celebrasse em todas com devoção e com majestade. Parecia que já não havia pobres no bispado de Toul desde que Bruno havia entrado a ser bispo, segundo o desvelo com que atendia sua caridade a socorrer todos os necessitados. Não se passava dia algum, por ocupações que ocorressem, em que ele mesmo não servisse por suas mãos a um bando de pobres a quem mantinha e depois lhes lavava os pés. Era sua humildade assunto de admiração a quantos conheciam seus elevados conhecimentos; estava justamente reputado por um dos homens mais sábios de seu século, e não havia a seus olhos homem mais pequeno. Ocultava uma grande mortificação debaixo de um exterior aprazível, risonho, afável e majestoso. Colocava sua magnificência nas esmolas; e seus contínuos jejuns, a frugalidade de sua mesa e a abstinência eram efeito igualmente de sua mortificação e de sua caridade. Correspondia a todas as demais virtudes sua terna devoção. Sempre que celebrava o santo sacrifício da missa derramava muitas lágrimas; e o terno amor que professava à santíssima Virgem o acreditou por um dos mais fervorosos devotos desta Senhora.

Não era possível que faltassem a perseguição e a inveja a uma virtude tão ilustre como rara. Numa e noutra achou nosso santo prelado bastante matéria em que exercitar sua paciência. Procuraram por todos os meios possíveis fazer suspeita sua fidelidade ao imperador; mas foi mais feliz a calúnia em encarniçar contra Bruno o ânimo de um conde muito poderoso, vizinho seu, chamado Odão. Se a paciência e a mansidão de nosso santo não bastaram para desarmar o enojo daquele violento inimigo, foram bastantes para ganhar-lhe o coração de quantos conheciam as furiosas violências e as injustas pretensões do conde. Uma morte repentina e funesta vingou logo o pacientíssimo prelado.

Por este tempo o bem da Igreja e do Estado obrigaram o bispo de Toul a encarregar-se de negociar uma paz estável entre a França e o Império. Conseguiu-a, havendo-se firmado entre Roberto, rei da França, e o imperador Conrado um tratado de aliança inviolável por meio de nosso Bruno, cuja virtude admirou mais a ambas as cortes que sua rara habilidade e extraordinário talento.

No ano de 1046 viu-se obrigado o santo prelado a assistir à dieta de Worms, aonde o imperador Henrique, filho e sucessor de Conrado, havia chamado todos os bispos e grandes do império para extinguir o cisma de Bento IX, que depois da morte do papa Dâmaso II turbava ainda a Igreja. Convieram toda a dieta, juntamente com os legados de Roma, em que não havia sujeito mais digno de ocupar a Sé apostólica nem mais a propósito para unir a seu favor todos os ânimos que o bispo de Toul. Uma proposição tão aplaudida de todos só a nosso santo sobressaltou extraordinariamente: não poupou diligência nem meio algum para evitar aquela suprema dignidade; chamou em socorro de sua humildade as lágrimas, os rogos, as razões; nunca falou com tanta eloquência como quando se esforçou a persuadir toda a dieta de que era conveniente e até necessário pensar absolutamente em outro sujeito. Mas sua resistência só serviu para autorizar mais sua eleição. Foi, pois, canonicamente eleito por sumo pontífice na cidade de Roma por todos os que tinham direito de eleger; e, não podendo resistir mais à voz de Deus, bem declarada na

pública aclamação, foi-se a Roma, onde quis entrar com os pés descalços. Subiu ao púlpito em presença do clero e do povo; intentou persuadir-lhes que fizessem nova eleição; mas foi solenemente colocado na cátedra de São Pedro com o nome de Leão IX, no dia 12 de fevereiro, primeiro domingo da quaresma do ano de 1049.

Muito logo se viu restituída a Igreja, pelo zelo e pela santidade do novo papa, àquele seu primeiro esplendor e àquela serenidade que parecia haver obscurecido o funesto cisma. Foi seu primeiro cuidado restabelecer a disciplina eclesiástica secular e regular e reformar os costumes em todos os estados. Convocou um concílio em Roma e pouco depois outro em Pavia para exterminar a simonia e depôs alguns bispos convencidos de haver incorrido nela. Declarou nulos os matrimônios incestuosos, que se haviam feito muito frequentes entre a nobreza, e dispôs outros regulamentos necessários para que voltasse a florescer a piedade.

Tendo sobre si o cuidado de toda a Igreja, não poupou trabalhos, nem sua saúde, nem sua mesma vida para atender a todas as suas necessidades. Passou os Alpes e chegou à Saxônia em busca do imperador. Voltou a Colônia e dali a Toul e a Reims, onde levantou da terra com grande solenidade o corpo de São Remígio, levando-o sobre seus mesmos ombros, e fez ali a dedicação de sua igreja. Depois de haver celebrado nela um concílio, passou a Metz, onde dedicou a igreja de Santo Arnoldo; dirigiu-se a Mogúncia, onde celebrou outro concílio; e, voltando a entrar na Itália, encaminhou-se a Roma no princípio do ano seguinte, levando consigo a alegria universal que parecia haver-se desterrado depois de sua partida.

Mas não lhe permitiu fazer longa morada em Roma sua solicitude pastoral. Antes de acabar-se o inverno saiu a visitar a Apúlia e as províncias vizinhas; em todas as partes corrigiu abusos, reprimiu desordens e introduziu em todas a reformação dos costumes. Voltado a Roma, celebrou um concílio no qual condenou a detestável heresia de Berengário sobre o sacramento da Eucaristia e o excomungou. Não contente com isto, ele mesmo escreveu um tratado contra aquele ímpio heresiarca e convocou outro concílio em Vercelli, que se celebrou no mês de setembro do ano seguinte, de 1050, no qual se achou presente o santo papa. Leu-se em pleno concílio o livro de João Escoto; ouviram-se com horror os erros de que estava cheio contra a Eucaristia, e o livro foi condenado e queimado publicamente. Ainda que Berengário havia prometido que se acharia no concílio, não apareceu nele e foi de novo condenado: querendo defendê-lo dois clérigos que se diziam enviados ou procuradores seus, foram confundidos e presos. Infatigável sempre o santo pastor pelo bem de seu rebanho, fez segunda viagem à França e à Alemanha, procurando remediar por si mesmo as necessidades mais urgentes daquelas igrejas e provendo a outras por meio de seus legados.

Causa admiração que aquele santo pontífice, de uma saúde tão débil e quebrantada com tantas fadigas e contínuas enfermidades, pudesse atender só às necessidades de toda a cristandade, fazer tantas viagens e acrescentar a seus trabalhos apostólicos assombrosas penitências, que continuou até a morte. Movido de sua vigilância pastoral, empreendeu a terceira viagem à Alemanha no ano de 1052 para conciliar André, rei da Hungria, com o imperador Henrique. Depois de haver trocado com o imperador a cidade de Bamberga e a abadia de Fulda, que haviam sido cedidas à Santa Sé, pela cidade de Benevento e suas dependências, foi celebrar um concílio em Mântua e outro em Roma contra o cisma dos gregos.

Por este tempo, não podendo sofrer o santo pontífice as desordens que os normandos causavam na Apúlia, suplicou ao imperador que enviasse tropas para lançá-los daquela província; mas foram derrotadas na primeira campanha, e o mesmo santo pontífice foi surpreendido no caminho pelos inimigos da Igreja e da tranquilidade pública e feito prisioneiro. Admirados os normandos da majestade e da suavidade de nosso santo, trataram-no com o maior respeito. Por ordem de seu príncipe ou capitão Hunfrido foi conduzido a Benevento com muita honra. Ali esteve cerca de um ano, cujo tempo empregou na meditação, na oração e em aumentar suas penitências, que chegaram a ser excessivas. Jejuava com muito rigor a maior parte dos dias; vestia sempre um áspero cilício e não tinha mais cama que o duro chão em que estendia uma só tapetezinha, servindo-lhe de almofada uma pedra. Todos os dias celebrava o santo sacrifício da missa e deixava continuamente o altar regado de lágrimas: o tempo restante empregava-o nos negócios da Igreja ou em obras de caridade.

Crescia seu fervor ao passo que sentia irem-se-lhe debilitando as forças. Saindo uma noite a fazer oração num oratório algo distante de seu quarto, imitando a prática que tinha em Roma, onde ia três vezes cada semana com os pés descalços desde o palácio de Latrão até a igreja de São Pedro, reparou num canto da sala um leproso meio desnudo, que causava horror e despedia de si um fedor intolerável. Correu a ele o santo pontífice, cobriu-o com sua roupa, carregou-o sobre suas costas e lançou-o sobre sua cama de respeito, na qual nunca dormia; mas, apenas entrou o santo no oratório, o leproso desapareceu.

Ao peso de tanta solicitude, de tantos trabalhos e de tantas penitências, rendeu-se enfim uma saúde que sempre havia sido muito achacosa. Uma grande debilidade, acompanhada de uma absoluta inapetência, foi anúncio de sua próxima morte. Fez-se conduzir desde Benevento a Roma. Os normandos, que todos haviam sido ganhos por ele para Jesus Cristo, olhavam-no havia muito tempo, não como seu prisioneiro, mas como seu legítimo pastor. Acompanharam-no até Cápua e acreditaram bem com suas copiosas lágrimas a viva dor que sentiam pela perda de tão grande pontífice, a quem amavam como a pai e veneravam como a santo.

Logo que chegou a Roma, mandou chamar a seu quarto os cardeais, bispos e todo o clero e falou-lhes como verdadeiro pastor e como santo pontífice. Mandou depois que o levassem à igreja de São Pedro, onde, tendo recebido a extrema-unção, fez ao Senhor esta oração fervorosa: «Senhor, cheio de misericórdia e Redentor de todos os homens, vós sois toda a minha confiança e minha salvação. Se quereis que ainda trabalhe na saúde de vosso povo, não recuso o trabalho; mas, se quereis chamar a vós vosso servo, dignai-vos abreviar o tempo de meu desterro.» Depois fez que o pusessem numa padiola; ouviu missa, recebeu o santo viático [^1]; e, havendo mandado que o deixassem a sós com seu Deus, expirou enquanto estava dando graças, no dia 19 de abril do ano de 1054, aos cinquenta e dois de sua idade e no quinto de seu pontificado.

Aquele mesmo Senhor que havia manifestado a santidade de seu servo enquanto viveu com grande número de milagres mostrou quão preciosa havia sido a seus divinos olhos sua ditosa morte pelas maravilhas que obrou em seu sepulcro; pelo que desde o mesmo ponto em que expirou foi venerado como santo por todos os fiéis, tanto que o dia de seus funerais pôde parecer o primeiro de sua festa.

Martirológio Romano

A festa de São Timão, um dos sete primeiros diáconos, que habitou primeiramente em Beroia e dali, prosseguindo em espalhar a preciosa semente da palavra de Deus, chegou a Corinto, onde, segundo a tradição, os judeus e os gregos o lançaram ao fogo; mas, não tendo recebido lesão alguma, cravado numa cruz, consumou seu martírio.

Em Melitene, na Armênia, os santos mártires Hermógenes, Caio, Expedito, Aristônico, Rufo e Gálata, coroados todos num mesmo dia.

Em Colliure, na Catalunha, São Vicente, mártir.

No mesmo dia, os santos mártires Sócrates e Dionísio, que foram traspassados com lanças.

Em Jerusalém, São Pafnúcio, mártir.

Em Cantuária, na Inglaterra, Santo Elfego, bispo e mártir.

Em Antioquia da Pisídia, São Jorge, bispo, que morreu desterrado pelo culto das santas imagens.

Em Roma, o santo papa Leão IX, esclarecido em virtudes não menos que em milagres.

No mosteiro de Lobbes, São Ursmaro, bispo.

Em Florença, São Crescêncio, confessor, discípulo de São Zenóbio, bispo.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração do santo é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Leonis, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat, et salutem. Per Dominum nostrum.*

Português: Rogamos-vos, ó Deus onipotente, que a venerável festividade de vosso confessor e pontífice, o bem-aventurado Leão, aumente em nós a devoção e o desejo da salvação eterna. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da carta de São Paulo aos Colossenses.

Colossenses 1,9-14

> **Latim:** 9 Ideo et nos ex qua die audivimus, non cessamus pro vobis orantes, et postulantes ut impleamini agnitione voluntatis ejus, in omni sapientia et intellectu spiritali : 10 ut ambuletis digne Deo per omnia placentes : in omni opere bono fructificantes, et crescentes in scientia Dei : 11 in omni virtute confortati secundum potentiam claritatis ejus, in omni patientia et longanimitate cum gaudio, 12 gratias agentes Deo Patri, qui dignos nos fecit in partem sortis sanctorum in lumine : 13 qui eripuit nos de potestate tenebrarum, et transtulit in regnum filii dilectionis suæ, 14 in quo habemus redemptionem per sanguinem ejus, remissionem peccatorum :

Português: 9 Por isso nós tambem, des do dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria, e intelligencia espiritual: 10 para que andeis dignamente diante de Deos, agradando-lhe em tudo: frutificando em toda a boa obra, e crescendo na sciencia de Deos: 11 sendo confortados em toda a virtude, segundo o poder da sua gloria, em toda a paciencia, e longanimidade com alegria, 12 dando graças a Deos Padre, que nos fez dignos de participar da sorte dos santos em luz: 13 que nos livrou do poder das trévas, e nos transferio para o reino de seu Filho muito amado, 14 no qual pelo seu sangue temos a redempção, a remissão dos peccados:

Nota

«Epafras, natural de Colossas, cidade da Frígia, província da Ásia Menor, fez uma viagem a Roma para avistar-se com São Paulo, a quem informou dos progressos que fazia a fé naquela cidade e do perigo que corriam os fiéis de ser pervertidos pelos inimigos de Jesus Cristo; notícia que obrigou o Apóstolo a escrever-lhes esta carta, ainda que nunca os havia visto, e a escreveu no ano 62 do nascimento do Senhor.»

Reflexões

Não cessamos de pedir a Deus que vos conceda um pleno conhecimento de sua vontade, com toda a inteligência das coisas do espírito, para que vossa conduta seja digna de Deus. Non cessamus

pro vobis orantes, et postulantes, ut impleamini agnitione voluntatis Dei, in omni sapientia et intellectu spiritali: ut ambuletis digne Deo per omnia placentes. Necessitávamos de mais que saber o que Deus quer para pôr em execução, com a assistência da divina graça, tudo aquilo que lhe agrada? Contudo, é muita verdade que são poucos os que ignoram o que Deus lhes pede; mas são muitos menos os que fazem o que quer. A todos nos prega o Evangelho sua divina vontade; as obrigações do estado de cada um são a mais clara publicação de sua lei; pelo órgão de nossos confessores e superiores nos manifesta suas ordens; não ignoramos sua doutrina; mas fazemos muito caso dela? Ouve-se muito a sangue-frio o que manda Deus e só se pratica o que dita o amor-próprio. Hoje em dia o móvel principal de nossas operações são nossas paixões; tudo se arranja ao gosto delas. A Deus apenas se o ouve e muito menos se lhe obedece. É digna de Deus nossa conduta? Buscamos ansiosos todos os meios de agradar-lhe? Esta solicitude ansiosa não a devemos considerar como primor da perfeição, mas como cristão dever da religião. Quem dirá que se pode servir a Deus com menos fidelidade, com menos ardor, com menos zelo? No tocante a seu serviço, qualquer indiferença é uma espécie de irreligião. Não nos afanamos muito por agradar a Deus; e é que cada um se fabrica um ídolo que lhe agrada e a quem muitas vezes deseja agradar. À vista do proceder da maior parte dos homens, parece que para nada se conta com Deus.

No cristianismo, toda árvore estéril é reprovada; a fé sem as obras é morta; a caridade nunca está ociosa; a esperança cristã produz frutos em todos os tempos; talento sepultado é talento perdido. Não se permitem servos preguiçosos; as virgens descuidadas que se lembram tarde de fazer provisão de azeite são desatendidas. Pois que será, Senhor, de tantas pessoas que não frutificam em gênero algum de boas obras? Será tempo de fazê-lo lá pelo declínio da idade? Árvores infrutuosas que só brotam no outono! Uma vida cuja maior parte se passou na ociosidade e no regalo, que reserva dar algum fruto para o último da estação, nunca produz frutos que cheguem a amadurecer. Oh, quanto tempo perdido! Oh, quantos dias vazios! A inutilidade é a ocupação mais universal dos homens; porque tudo o que não conduz para o céu é verdadeiramente inútil. Assuntos sérios, negociações ruidosas, estudo que resseca, viagens longas, trabalhos que fatigam: todas são ocupações frívolas, entretenimentos pueris, nadas brilhantes disfarçadas com magníficas palavras, se não servem para facilitar a salvação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Lucas.

Lucas 13,3-5

> **Latim:** 3 Non, dico vobis : sed nisi pœnitentiam habueritis, omnes similiter peribitis. 4 Sicut illi decem et octo, supra quos cecidit turris in Siloë, et occidit eos : putatis quia et ipsi debitores fuerint præter omnes homines habitantes in Jerusalem ? 5 Non, dico vobis : sed si pœnitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.

Português: [3] Não erão, eu vo-lo declaro: mas se vós-outros não fizerdes penitência, todos assim mesmo haveis de acabar. [4] Assim como tambem no tocante áquelles dezoito homens, sobre os quaes cahio a torre de Siloé, e os matou: cuidais vós que elles tambem forão mais devedores, que todas as pessoas moradoras em Jerusalem? [5] Não, eu vo-lo declaro: mas se vós-outros não fizerdes penitência, todos acabareis da mesma sorte.

Meditação

Que em todo tempo se deve fazer penitência

Primeiro ponto

Considera que, como não há tempo em que não se possa pecar e em que o homem adulto não seja pecador, nenhum há em que não se deva fazer penitência. A quaresma é tempo de penitência; que quer dizer isto? Que a penitência que então se faz com a abstinência e com o jejum é de preceito; mas será por isso menos necessária em outro tempo? Temos menos inimigos que combater depois da Páscoa que antes dela? São menos vivas as paixões, menos fortes os maus costumes, menos temíveis os inimigos de nossa salvação ou as tentações menos perigosas? É possível que já nada tenhamos ficado a dever à divina Justiça? *Se não fizerdes penitência, todos perecereis.* Pode haver maior erro que imaginar que este oráculo não fala de todos os tempos; que há dias privilegiados e que em certas épocas do ano se pode um salvar sem fazer penitência?

Ainda quando a penitência da quaresma fosse bastante para satisfazer pelos pecados passados, o que ninguém creio que pensará sem temerária presunção, que dia da vida se nos passa sem cometer faltas, sem ter necessidade de misericórdia, sem perigos? A inocência não tem outro abrigo; o coração se corrompe sem este sal; toda virtude se murcha sem o orvalho das lágrimas. Nem a solidão nem o mais horroroso deserto é asilo suficiente sem o socorro da mortificação.

Quanto mais nos aproximamos da sepultura, mais nos devemos acostumar à cinza. Fora da infância, todas as idades devem ser tempo de penitência para um cristão. Busca, senão, no Evangelho, que deve ser a regra dos costumes, uma idade que esteja destinada para os gostos e os prazeres.

Oh, meu Deus, e que pouco agrada aos cristãos esta verdade! Mas nosso desgosto, nossas ilusões e nossas preocupações debilitarão o vigor às verdades do Evangelho? Certamente, quem olha as coisas com alguma reflexão não pode deixar de indignar-se ao ver a licença que precede e que se segue à quaresma. Parece que só na quaresma nos reconhecemos por pecadores e que, em chegando a Páscoa, devemos desforrar-nos das abstinências e dos jejuns, supondo que a mortificação não é de todos os tempos.

Coisa estranha! O mundo e as paixões têm suas leis de mortificação e de jejum, as quais se observam inviolavelmente; só as leis de Deus se quebrantam e se fazem intoleráveis. Que

violência, e ainda se pode acrescentar, que mortificação não se padece, que penitência não se faz no mundo por seguir uma moda, por brilhar num concurso! Os adornos adornam, mas oprimem; há espartilho que equivale a uma tortura; mas tudo se sofre, tudo se tolera por satisfazer a seu amor-próprio, ao interesse, à ambição; mas para agradar a Deus tudo é impraticável. A penitência pelo mundo dura toda a vida; e quer-se que a que se faz por Deus tenha seus intervalos. Que penitência temos feito até aqui? Parece-nos que foi proporcionada a nossas culpas? Cremos que já temos direito a descansar? Oh, e quantas satisfações imperfeitas! Quantas penitências talvez será mister expiar com outras penitências! Quantas partidas se hão de dar por nulas ao chegar-se à conta de nossas obras satisfatórias!

Segundo ponto

Considera que a penitência não só é castigo, mas preservativo e remédio. Pois que tempo, que idade não terá necessidade dela?

É a vida do cristão uma contínua guerra sem paz nem trégua; ainda que nós queiramos fazer a paz com os inimigos da salvação, os inimigos de nossa salvação jamais a farão conosco. Não podemos esperar vencê-los senão pela penitência; esta os debilita e a nós nos dá maiores forças. A mesma perseverança na mortificação é uma vitória. É mister morrer todos os dias para viver, como se explica São Paulo; é necessário castigar o corpo para não ser contado no número dos réprobos.

A mesma vida delicada é um dos maiores perigos. Estejam mortificados os sentidos, esteja o corpo reduzido à servidão; as paixões farão pouco ruído e farão menos dano. A mortificação é um freio; a penitência é uma cerca que defende a vinha das bestas e dos passantes; é a sarça entre cujos espinhos se conserva a flor da inocência. Sem este auxílio não pode subsistir a castidade. Desmontou-se o campo durante o santo tempo da quaresma: as graças, a palavra de Deus, o uso dos sacramentos foram a divina semente que se semeou neste campo. Que desacerto, que erro, que extravagância seria lançar por terra, logo que chega a Páscoa, esta barreira que detém o inimigo; arrancar esta estacada que serve de estorvo aos passantes para que não pisem a sementeira; abrir a todo gênero de animais uma vinha cujos sarmentos estão ainda tenros!

Desenganemo-nos: não há tempo, não há sazão em que a penitência esteja de mais; nenhuma há em que não seja muito necessária. Passou-se a quaresma, mas não se passou o tempo da penitência. Toda a vida é tempo dela; se não deve ser tão pública, não deve ser menos real. O jejum e a abstinência acabam-se com a Páscoa; mas a mortificação, a sobriedade e a temperança devem ser de todos os tempos.

Assim pensaram todos os santos, e nós mesmos assim pensaremos na hora da morte. Oh, bom Deus, e quão discretos foram aqueles santos que hoje são o objeto de nossa veneração e de nosso culto em haverem-se familiarizado, por assim dizer, com os rigores da penitência! Toda a vida se consideraram pecadores e toda a vida quiseram ser penitentes. Acham-se porventura alguns intervalos de indulgência em sua religiosa austeridade, naqueles seus penosos exercícios de penitência? Desforravam-se porventura deles depois que se passavam os dias consagrados à dolorosa memória da paixão de Cristo? Ah! Cada dia parecia novo seu fervor, novos seus desejos

de mortificar-se; cada dia inventavam novas indústrias para macerar sua carne, para domar suas paixões, para reprimir sua concupiscência. Pergunto: foram prudentes em proceder dessa maneira? E sê-lo-emos nós se procedermos de outra? Fizeram acaso demasiado aqueles que morreram com a dor de não haver feito mais? E temos feito bastante os que talvez nada temos feito até agora? Quando, quando faremos o possível para livrar-nos destes justos remorsos!

Desde este ponto, Senhor, desde este ponto, mediante vossa divina graça. Não será este ano como o passado: não será interrompida minha penitência com tantos intervalos, e espero que não cessará até que me falte a vida.

Jaculatórias

> *Lacrymæ meæ panes die ac nocte.* Sl 41.

As lágrimas serão meu pão cotidiano dia e noite.

> *Laborabo in gemitu meo, lavabo per singulas noctes lectum meum; lacrymis meis stratum meum rigabo.* Sl 6.

Oh, quantos suspiros me têm custado minhas culpas! Lavarei, regarei todas as noites minha cama com o copioso manancial de minhas lágrimas.

Propósitos

1. A vida imortificada e regalada da maior parte dos cristãos é uma espécie de impenitência. Nossos pecados são graves, o número é infinito, cada dia se multiplicam nossas maldades; e qual é nossa penitência? Pecam os grandes, e seus dias se consomem nas delícias; pecam os mundanos, e sua vida se passa toda na delicadeza e no regalo; pecam os jovens, e o nome só de penitência os faz estremecer.

É sempre a quaresma um tempo de penitência para aqueles que têm mais obrigação de fazê-la? Que de lenitivos, que de infrações do preceito, quantas frívolas dispensas! Mas ao menos depois da Páscoa suprir-se-á com mortificações voluntárias a penitência que não se fez na quaresma? Sim, por certo: no máximo se dá uma curta esmola ou se rezam alguns rosários. E bastará isto para suprir o jejum da quaresma? É palpável a indignidade de semelhante conduta. Se te sentes culpado nisto, julga-te a ti mesmo com maior equidade e procura que seja menor a desproporção entre a culpa e o castigo. Por que não se jejuará depois da Páscoa quando se deixou de jejuar na

quaresma? Os sacrifícios de expiação em todos os tempos se faziam. Bastará desobedecer à lei para ficar dispensado das penas que impõe? Quem tem verdadeira dor da culpa terá verdadeiro desejo de repará-la por meio da penitência.

2. Posto que em todo tempo és pecador, em todo tempo deves ser penitente; e para isso observa as advertências seguintes. Primeira: em tudo aquilo que pode causar alegria, em todos os regozijos públicos e particulares, até nos precisos desafogos do ânimo e da natureza, até nas comidas ordinárias e forçosas, lembra-te de que és réu aos olhos do Senhor e de que como tal estás condenado ao último suplício. Nunca te achas em festa alguma ou função sem dizer-te a ti mesmo: Eu sou pecador; é esta minha penitência? Segunda: é devoção utilíssima e que dá muito valor ao exercício da penitência fazer cada dia um ou dois atos de mortificação, em atenção à pena correspondente a nossas culpas, aumentando o número de ditos atos nos dias de maior festa ou de regozijos. Terceira: há pessoas devotas que nos dias em que estão convidadas por seus amigos a comer ou a alguma outra diversão se impõem a obrigação de rezar os salmos penitenciais; outras acompanham sempre essas honestas diversões com algum ato de mortificação. São Francisco de Borja dizia que não lhe sabia bem a comida se não a temperava com alguma penitência; e acrescentava que estaria inconsolável se soubesse que lhe havia de colher a morte num dia em que não houvesse mortificado seus sentidos.

[^1]: Nota do autor: antigamente se administrava a santa unção aos enfermos quando estavam em algum perigo, e se a recebia antes do viático, reiterando-se por espaço de sete dias. No século XII estabeleceu-se o costume de não recebê-la senão no artigo da morte e de não repeti-la numa mesma enfermidade, por alguns erros e abusos da parte dos que a recebiam e da parte dos que a administravam.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:17 by Admin